

A euforia precipitada de FHC

JORNAL DE BRASÍLIA

GAUDÊNCIO TORQUATO

04 JUL 1995

Intelectuais, mesmo os mais finos, são traídos pelo ego. E cometem pecadilhos do tipo confundir questões de forma com questões de fundo. Políticos, mesmo os mais preparados, caem, freqüentemente, em armadilhas pela atração do discurso inusitado, onde o culto à visibilidade acaba máscarando a verdade. Administradores, mesmo os mais competentes, misturam alhos com bugalhos, ao confundirem aprovação de um programa por suas diretorias como prova de eficiência administrativa. Esquecem que o endosso ao programa não significa seu sucesso.

Por meio dessas ligeiras observações, podemos entender a psicologia que envolve o presidente Fernando Henrique Cardoso, neste instante em que comemora um ano de real. O homem está feliz e irradia o otimismo, a ponto de declarar para jornais europeus, que é muito fácil governar o Brasil. Como prova, exibe, orgulhosamente, a aprovação de importantes reformas constitucionais, em apenas seis meses. FHC foi traído pelo ego. Coloca-se como o grande artífice de uma reforma que apenas começou (o pior ainda está por vir), e, pela maneira como se expressou, dá as coisas por concluídas. O Brasil ganhou a medalha do redescobrimento, vamos todos melhorar de posição, a população está feliz e até desdenhamos o ingresso no Primeiro Mundo. É muito sonho.

FHC foi traído pelo ego. Um ego cheio de vontade de ser reconhecido. É verdade que temos um presidente preparado, articulado, moderno e, sobretudo, disposto a fazer as mudanças para o grande salto. Mas a aprovação das cinco emendas da reforma

econômica não significa que o País entrou na rota da felicidade. Primeiro, porque entre a aprovação de uma norma ou de um programa e os resultados corre um oceano de gerenciamento, dúvidas, incertezas, pressões e contrapressões. Freqüentemente, o administrador é enganado pela perspectiva do sucesso. Conta com os ovos antes de a galinha demonstrar vontade.

Ao intelectual sobrou muita confusão. A hábil articulação política exibida pelo Presidente denota forma de operação eficiente, com resultados positivos concretizados por ampla maioria parlamentar, mas os resíduos negativos são muito expressivos. Final de contas, a ampla maioria parlamentar, tão-propalada pelo Presidente, custou muito: cargos, barganhas e negociações. Nada caiu do céu. E muita água ainda passará por baixo da ponte. Temos pela frente a reforma tributária, a reforma da previdência e a reforma do Estado. A emenda da Petrobrás vai passar, ainda, pelo Senado e o relator, ex-governador Ronaldo Cunha Lima, já anunciou suas condições. Ademais, o Congresso terá, ainda, de legislar sobre as emendas aprovadas. Portanto, o pacote aprovado passará por uma prova dos nove.

O otimismo exagerado de FHC pode ser entendido como um recado para os investidores internacionais, coisa do tipo: "Ei, pessoal, podem se aproximar, as coisas por aqui estão indo muito bem". Ou, também, como satisfação pela comemoração de um ano de Plano Real, a quem atribui uma estatística meio chutada: R\$ 15 bilhões teriam sido repassados para as camadas mais pobres, em decorrência

cia da nova moeda. Seria o dinheiro do "imposto inflacionário".

Governar um país como o Brasil não é tão fácil como opina o Presidente. Porque governar não é apenas articular politicamente. Governar é prover as necessidades da população, eleger prioridades, harmonizar ações, equilibrar a distribuição de bens e serviços. Para uma análise mais rigorosa do primeiro ano de real, outros fatores deveriam ser considerados, além da questão da estabilização da moeda. Quais os resultados efetivamente alcançados na área social? Quais as melhorias realizadas no campo da saúde? Quais os destaques no setor agrícola? O saneamento financeiro do Estado ocorreu em que escala? Temos um Estado maior, mais enxuto e ágil ou o Estado continua com sua lerdeza paquidérmica?

Um Governo é um depósito de esperanças. E de ações concretas. A imagem do primeiro ano do Governo FHC nos mostra uma paisagem rebuscada de discursos, articulações, negociações, pressões e contrapressões. Foi bem na área política, ótimo na área econômica e mal na área social. O plano operacional do Governo deixa muito a desejar. Até pode se debitar a carência de ações ao primeiro ano, que é o ciclo da costura, do diagnóstico, dos primeiros ensaios. O povo esperava, porém, mais coisas. Estabilizar a moeda já é muita coisa. Mas se a pobreza está aumentando — como os índices indicam — é sinal de que algo está errado. O povo não come palavras. E não tem paciência para esperar eternamente.

■ Gaudêncio Torquato é professor da USP